

literatura folclórica" (p. 213). Ao estudar essas manifestações, J. A. C. destaca a importância de José Bonifácio e de Borges de Barros, cuja poesia encontra ressonância em escritores posteriores e se estende pelo Romantismo adentro. Examinando os centros irradiadores de vida cultural e literária, J. A. C. ressalta o papel da Sociedade Filomática de São Paulo, em cuja revista João Salomé Queiroga fala numa "poesia nacional, inspirada em motivos populares e escrita em "língua brasileira" (p. 231). A grande importância da Revista da Soc. Filomática está em que o "pensamento crítico e renovador, que ela exprime, projeta-se na Niterói — Revista Brasiliense" (p. 236), considerada porta-voz do Romantismo no Brasil.

Encerra a obra uma síntese final em que J. A. C. enfeixa as determinantes de uma expressão artístico-literária que nasce no século XVI como mero prolongamento da Literatura Portuguesa, até o momento em que ela adquire feição própria, graças a um conjunto de modificações, vindo a transformar-se numa expressão literária distinta da inicial e com elementos que lhe são próprios e peculiares.

Como boa perspectiva histórica e clareza na exposição, J. A. C. pôde realizar obra bastante significativa para interpretar os "momentos decisivos" de nossa formação literária, apontando os elementos que aos poucos foram distinguindo o fato literário produzido no Brasil inicialmente pelo colonizador e depois pelo brasileiro, nato ou de eleição. Obra rica de informações, bem documentada, é peça essencial para quem quiser conhecer o nascimento, desenvolvimento e formação da Literatura Brasileira, dentro de uma perspectiva geral em que os efeitos têm explicadas as suas causas. — José Carlos Garbuglio

BOSI, Alfredo — *A Literatura Brasileira — O Pré-Modernismo*. "Roteiro das Grandes Literaturas", vol V. São Paulo, Cultrix, 1966, 162 pp.

Dentro da programação da Editora Cultrix, relativamente à história da Literatura Brasileira, pretendendo estudá-la desde o início até a atualidade, temos agora o volume dedicado às manifestações pré-modernistas. Entregue a tarefa ao professor Alfredo Bosi, afeito à coisa literária fora dos limites do historicismo, podemos afirmar que se desincumbiu satisfatoriamente, graças ao seu talento, sensibilidade e formação sólida, presentes na síntese feliz desse difícil período da Literatura Brasileira. Tratando-se de um momento pouco estudado, soube movimentar-se com segurança e clareza de idéias, sustentando um equilíbrio raro no trato de escritores em geral exaltados ou subestimados sem base de caráter científico.

Assim uma vez definidos os critérios estético e cronológico que orientam os objetivos da obra e a atitude em face do fato literário, Alfredo Bosi estabelece os limites de seu campo de ação aos dois primeiros decênios deste século, em que convivem tradições de passadismo e a anunciação, ainda que pálida, de nova realidade literária. Caminhando nesses dois extremos, o A. aponta os elementos caracterizadores das obras como reflexo de uma ou outra posição e muitas vezes das duas posições ao mesmo tempo.

Desta maneira, verifica que a poesia parnasiana ou neoparnasiana, que anima o momento, "traduz uma concepção estética obsoleta" (p. 20), já superada nos núcleos onde viveu sem grande vitalidade, mas persistente entre nós na voz

frouxa e cansada de alguns epígonos, onde transparece vez ou outra um alento menos fraco. Sem procurar arrolamento exaustivo, Bosi enumera os principais autores, cujas obras tiveram algum mérito. Nessa direção, examina o aristocrático e neoclássico José Albano, o estilista conservador e estolco Amadeu Amaral e o exótico e arcaizante Goulart de Andrade, mostrando suas diferenças e peculiaridades: "um clássico, um estoico e um virtuose — aproximam-se os três da imagem corrente do Neoparnasianismo, enquanto tendência para a fixação de certa linguagem poética tradicionalista." (p. 27.) Já dentro da atmosfera do imobilismo reinante, ainda contaminado pelo sensualismo romântico persistente, o A. coloca Martins Fontes, e "entre o formalismo parnasiano e as inquietações simbolistas", Hermes Fontes cujo obra "oscila entre o fausto sonoro e certa *veleidade filosofante*". Lugar à parte ocupa o esteta apaixonado da forma e da cor, Raul de Leão, cujo mundo luminoso é animado por uma contida vibração, que os modernos souberam apreciar. A importância que assume Augusto dos Anjos, no marasmo comum, faz que A. Bosi lhe dedique um capítulo inteiro, onde considera com justeza convincente "a *dimensão cósmica* e a *angústia moral* de sua poesia" (p. 44), reflexo do comportamento de torturado de um homem premido por uma visão do mundo que lhe aparecia em processo de fatal decomposição.

Enquanto a poesia "representa o elemento conservador", a prosa da época já anuncia na voz de seus melhores escritores os interesses da geração modernista no que tem de mais original e autenticamente brasileiro. O acerto dessa observação, com as ressalvas colocadas pelo A., mostra o domínio de uma perspectiva literária e histórica que lhe permite traçar o quadro literário do momento de transição, que é o Pré-Modernismo. De sorte que, em termos de síntese, Alfredo Bosi examina a obra de Afonso Arinos, posta entre a tradição parnasiana da linguagem e os elementos regionalistas; de Valdomiro Silveira, preocupada "com o registro exato dos costumes interioranos" (p. 62); de Simões Lopes Neto, "o exemplo mais feliz de prosa regionalista no Brasil antes do Modernismo" (p. 65), e que é, verdadeiramente, um artista que tem algo de si para transmitir; de Alcides Maia, preso ainda ao Parnasianismo e sem forças para "abrir caminhos para o futuro" (p. 66); de Hugo de Carvalho Ramos nos conots sobre a natureza e a vida social goianas que perpassaram pela sua obra com sabor peculiar, a despeito de sua insegurança; de Monteiro Lobato, o mais importante de todos pelo caráter polêmico de sua obra, pela ironia e pela atitude pragmática e participante de seu espírito. Se exerce militância, confirmada no decorrer de sua carreira, tem, por outro lado, uma "posição ambivalente", pois, homem de vanguarda, afastou-se do Modernismo de 22, como faz ver Alfredo Bosi. Já Adelino de Magalhães tem sua obra posta em cheque pelo A., dado que sua constante preocupação com cenas vulgares e cruas está "aquém do nível dos sentimentos e fora de qualquer intenção sublimadora" (p. 71).

Passando ao estudo do "romance entre o documento e o ornamento", Alfredo Bosi procura enquadrar Coelho Neto em sua época, a fim de "compreendê-lo em situação histórica" (p. 85). Aprecia-o com bastante lucidez, depois de analisar-lhe sucintamente a parte mais importante da obra. Com isto, consegue evitar a atitude exaltadora ou demolidora e permanecer numa posição de equilíbrio para demonstrar sem paixão os defeitos e as qualidades do escritor.

Afrânio Peixoto e Xavier Marques, colocados na linha do regionalismo, apenas cronologicamente são considerados pré-modernistas, pois suas obras se têm ainda de tonalidades românticas, ao passo que Lindolfo Gomes e Antônio

Sales se projetam como "precursores do romance regionalista moderno" (p. 88), ao surpreender temas que seriam retomados depois. E assim repassa outros autores compreendidos dentro do mesmo espírito de compromissos regionais. Numa síntese feliz, pelo que examina e esclarece, surge a obra de Lima Barreto, o polêmico romancista-jornalista carioca, o ressentido e muitas vezes contraditório anti-passadista que detestou certas formas de modernização. Não obstante essa atitude, inscreveu-se como um dos maiores vultos da prosa pré-modernista pela grande força expressiva e raro poder documental da vida brasileira do Rio de Janeiro de sua época. Também preocupado com problemas brasileiros e com nossa realidade. Graça Aranha antecipa "a tomada de consciência dos modernistas" (p. 106), pelos temas tratados, apesar dos desníveis e dos prejuízos de sua obra em que estão presentes elementos díspares e até mesmo opostos, enquanto posição de espírito. Nessa linha de procedimento, o A. situa com objetividade os escritores, extraindo deles os componentes de maior significação e abre caminho para melhor compreensão da literatura por eles criada.

Em Rui Barbosa, divisa o representante típico da mentalidade que se instalou no Brasil a partir de 1870 e perdurou até ao advento do Modernismo. Mostra-o nos dois polos em que se moveu: teoricamente progressista, praticamente conservador "porque seu conceito de liberdade não o movia a lutar pelas condições, concretas dessa mesma liberdade" (p. 116). Expressas num estilo terço, antes português tradicional que brasileiro em sua formação, suas idéias "reboaram formidavelmente em virtude do talento verbal que as defendia" (p. 117), contra o que se insurgiu violentamente o Modernismo. Já Euclides da Cunha, mais dentro de nossa realidade, por força do convívio, observou-a sem os formalismos de Rui e, vivendo-a, denunciou-a com poder extraordinário, extraindo daí "a face trágica que contemplamos em *Os Sertões*" (p. 121), a despeito do prejuízo decorrentes dos ensinamentos da época. Com a segurança já referida, aponta na obra de Euclides da Cunha os elementos que definem no panorama da Literatura Brasileira como transição entre duas fases de nossa vida cultural. A personalidade do escritor, como sua obra, inclinava-se para "os conflitos violentos", observa Bosi, daí a força de comunicação, forte e áspera como a realidade que viu.

A seguir, passa a considerar aqueles escritores que deixaram alguma contribuição típica no Pré-Modernismo, como Oliveira Viana que aplicou à história nacional cânones sociológicos, pelos quais refutava os fáceis esquemas evolucionistas de Spencer" (p. 127); ou como Alberto Torres que teve a lucidez de substituir o fator étnico, ao contrário do corrente; ou como Oliveira Lima, historiador "profissional, avesso às teorizações", liberal, mantendo-se em equilíbrio entre as forças opostas; ou como João Ribeiro, "tipo exemplar de humanista moderno", a gravitar em vários campos, da poesia à filologia, com passos intermediários; ou como Ronald de Carvalho, crítico e poeta entre o academicismo e a literatura de vanguarda; ou como Nestor Vitor que teve o mérito de compreender a poesia simbolista, o que não havia ocorrido com João Ribeiro e Ronald de Carvalho. Considerações mais demoradas recebe Farias Brito, cuja falta de repercussão se deve ao fato de estar a sua obra desligada da realidade brasileira, o que aliás acontece com quase toda a literatura da época. A Farias Brito se liga Jackson de Figueiredo, responsável pelo enriquecimento da cultura religiosa brasileira. Transportando-a para o jornalismo militante, aí deixou páginas de apaixonada posição ideológica e política.

De "linguagem oitocentista", mas de "intenção moderna". Alfredo Bosi considera a Vicente Licínio Cardoso, o nacionalista intransigente de contexto filosófico [que] excluía o componente místico de Jackson de Figueiredo". Representa-

tando o ecletismo e a tolerância de temperamento, surge Gilberto Amado, o ensaísta de prosa fluente e macia que "recortava de preferência aspectos da vida social em nossa terra" (p. 143). Por fim, faz um balanço da atividade do jornalismo militante na época, destacando, entre outros, "o cronista atraente da vida carioca, João do Rio" (p. 144).

Obra clara, objetiva e segura em seus juízos; equilibrada em suas partes e por isso mesmo harmônica no conjunto. É tanto mais importante quando se tem em mente que esses períodos de transição ficam sempre na penumbra e raros são os que se aventuram nêles, sem a paixão que distorce as coisas e os fatos e dificulta, senão impossibilita, a visão justa dos autores e do momento. Alfredo Bosi conseguiu manter-se em posição de equilíbrio e assim traçar com propriedade o panorama de uma fase da nossa literatura ainda pouco estudada. — José Carlos Garbuglio.

M. CAVALCANTI PROENÇA, *José de Alencar na Literatura Brasileira*. Rio, Editora Civilização Brasileira S.A., 1966. 147 pp.

A crítica à obra de Alencar, por força da grandeza dessa mesma obra, tem passado por várias temperaturas, desde a frieza glacial dos primeiros tempos, motivo de fundadas mágoas do romancista, até o entusiasmo de críticos modernos, surpreendido nas opiniões revalorizadoras e análises estéticas que tendem a harmonizar-se com a consciente elaboração artística do escritor.

Sem intuítos preconcebidos de refutar restrições feitas a Alencar, mas revendo sua obra à luz de perscrutações serenas, tanto quanto profundas, Cavalcanti Proença, neste ensaio, que fora escrito originariamente para as edições Aguilar, não se limitou a uma simples "introdução", mas tentou uma interpretação original que, se não esgota o assunto (mesmo porque não era tempo e lugar), desperta interesses novos e sugere, implicitamente, os estudos fundamentais que ainda não se fizeram do romancista de *Senhora*.

Aqui, mais uma vez, ganha foros de verdade a afirmação de que o estilo é o homem. A linguagem simples e cativante, pelo seu à vontade, que nada tem de superficial, lembra a todo momento a personalidade humaníssima do ensaísta, que sempre encara os problemas de literatura com acentuada dose de compreensão e simpatia e sabe, na segurança de sua formulação, que as verdades da vida e da arte, sem prejuízo do espírito crítico, podem ser ditas sem atavios complicados ou ares exagerados de seriedade caturra. Ele prefere o tom ameno das conversas informais, disciplinadas apenas pelas indispensáveis exigências da língua escrita. Assim, na toada embaladora dessa prosa, o leitor percorre as páginas do livrinho e vai aprendendo muito e muito da pessoa humana e da exuberante personalidade artística de Alencar.

A "Advertência do Autor" explica as limitações impostas ao ensaio, contido, apesar de abranger aspectos bem diversos da vida e da obra do escritor; note-se, por exemplo, como as citações estão excessivamente policiadas, discricionada dada pela natureza e destino do ensaio, não obstante o leitor perceber que C. P. tem muitas outras coisas a dizer e que precisa dizer, em benefício dos estudiosos e admiradores do pai de Iracema.

Corroboram essas observações a brevidade dos capítulos, a começar por "Uma Vida... um Destino", em que se sintetizam informes importantes sobre a infân-